

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

LAILA LYNS BAZ BULHÕES SILVA

**TRANSTORNO DO PROCESSAMENTO SENSORIAL E COMPORTAMENTO
ALIMENTAR DE CRIANÇAS AUTISTAS DO PONTO DE VISTA NUTRICIONAL**

**VOLTA REDONDA
2018**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**TRANSTORNO DO PROCESSAMENTO SENSORIAL E COMPORTAMENTO
ALIMENTAR DE CRIANÇAS AUTISTAS DO PONTO DE VISTA NUTRICIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Nutrição do
UniFOA, como requisito à obtenção do título
de Bacharel em Nutrição.

Acadêmica: Laila Lyns Baz Bulhões Silva

Orientadora: Profa. Dra. Margareth Lopes Galvão Saron

**VOLTA REDONDA
2018**

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária:Alice Tacão Wagner - CRB 7/RJ 4316

S586t Silva, Laila Lyns Baz Bulhões

Transtorno do processamento sensorial e comportamento alimentar de crianças autistas do ponto de vista nutricional. / Laila Lyns Baz Bulhões Silva . – Volta Redonda: UniFOA, 2018.

28 p. II.

Orientador(a): Margareth Lopes Galvão Saron

Monografia (TCC) – UniFOA / Curso de Nutrição, 2018.

1. Nutrição - TCC. 2. Autismo. 3. Processamento sensorial.4. Autistas – comportamento alimentar. I. Saron, Margareth Lopes Galvão. II. Centro Universitário de Volta Redonda. III. Título.

CDD 613

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado:

TRANSTORNO DO PROCESSAMENTO SENSORIAL E COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE CRIANÇAS AUTISTAS DO PONTO DE VISTA NUTRICIONAL

Elaborado por Laila Lyns Baz Bulhões Silva, apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Nutrição.

Aprovada em 09 de outubro de 2018

Banca Avaliadora:

.....
Professora Orientadora

Margareth Lopes Galvão Saron, Doutora, Centro Universitário de Volta Redonda

.....
Professor Avaliador

Alden dos Santos Neves, Doutor, Centro Universitário de Volta Redonda

.....
Professora Avaliadora

Hilda Torres Falcão, Mestre, Centro Universitário de Volta Redonda

Dedico este trabalho a minha mãe Débora e meu pai Leonarde por todo apoio para realização deste sonho. E em especial ao meu afilhado Pedro diagnosticado com distúrbio do espectro autista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todos os milagres já realizados em minha vida e por ser meu porto seguro nas horas mais difíceis.

Gratidão eterna aos meus pais pelo apoio nas horas de desânimo, pelos momentos de felicidade e pelo esforço que me proporcionou a oportunidade de cursar o curso de Nutrição. Sem eles eu não estaria aqui.

Gostaria de agradecer em especial aos meus avós Luciana, Valdomiro, Generoso e Pedrina por acreditarem que eu poderia voar mais longe rumo ao meu sonho, e fizeram dele seu sonho também.

Sempre serei grata aos mestres com os quais tive a honra de aprender durante todo o percorrer do curso, a cada semestre nos agregando mais conhecimento e despertando em nós mais amor pela profissão escolhida. Em especial, a minha orientadora professora Dra. Margareth Lopes Galvão Saron por acreditar na importância de estudar este tema tão delicado que é a alimentação de autistas, e por me guiar no desenvolvimento deste trabalho sempre com seu jeito doce e sua dedicação.

Sou grata a meus preceptores de estágio Alden, Elton, Margareth, Paula Leoni, Daniel e Ginna por despertar em mim o amor pelo atendimento ambulatorial e clínico. Não poderia deixar de agradecer ainda, a Maura, minha preceptora em unidade de alimentação e nutrição por me apresentar a auditoria, área que tanto me encantou.

Pelo carinho e por tantos anos de dedicação ao curso, agradeço a Andreza e Margarida do laboratório de técnica dietética, que sempre foram amigas e animaram meu astral a cada encontro.

Sempre serei grata a toda equipe que cuida da minha saúde e por isso possibilitaram que eu chegasse até aqui. Dra Marlúcia e Dr Ricardo Name pelas injeções de ânimo, minhas queridas fisioterapeutas Juliana e Fabiane, Dr Lincoln e Dra Rená.

Sou particularmente grata a meus familiares e amigos que tanto me apoiaram e rezaram, sempre estarão em meu coração. Especialmente agradeço a Roseli e José Geraldo por me acolherem em seu lar como uma filha e agora fazem parte de minha família.

E finalmente agradeço ao Pedro, meu afilhado, por me apresentar o autismo. Este trabalho não poderia ter inspiração e motivação melhores do que o seu sorriso.

“As crianças especiais, assim como as aves, são diferentes em seus vôos. Todas, no entanto, são iguais em seu direito de voar.”(Jessica Del Carmen Perez)

RESUMO

O autismo é uma condição que gera dificuldades de interação social, comportamentos ditos como inadequados na forma de interação social e comportamentos alimentares incomuns que demonstram relação com seu processamento sensorial, sendo possível então afirmar que grande parte da população de crianças autistas possui também transtorno do processamento sensorial. O transtorno do processamento sensorial por sua vez é definido como um prejuízo na produção de respostas a partir de estímulos captados pelos receptores dos sete sentidos, sendo eles o tato, o olfato, o paladar, a visão, a audição, o sistema vestibular e o proprioperceptivo. O objetivo do presente estudo foi então relacionar o transtorno do processamento sensorial com o comportamento alimentar de crianças autistas sob o ponto de vista nutricional, considerando a importância de uma alimentação adequada no crescimento e desenvolvimento de todas as crianças e os potenciais problemas que poderiam ser ocasionados por uma alimentação restrita ou inadequada. A revisão bibliográfica realizada a partir do referencial teórico presente em bases digitais de dados, sendo considerados estudos nacionais e internacionais que tratassem dos temas relacionados com o tema a ser descrito. Foi possível encontrar, descrito por diversos autores, fortes evidências da relação entre o transtorno do processamento sensorial e o comportamento alimentar de crianças autistas, bem como a alta prevalência deste transtorno nestas crianças. Outro fato destacado neste estudo foi a importância do comprometimento e envolvimento da família e do profissional nutricionista para o sucesso da intervenção nutricional. Conclui-se portanto que um número expressivo de crianças apresenta estas duas condições previamente citadas e que o profissional nutricionista pode representar uma peça determinante no sucesso da intervenção nutricional destas crianças. Por meio de seu conhecimento pode garantir a saúde e o desenvolvimento saudável, juntamente com os demais profissionais que acompanham o autista ao longo de sua vida, sem que ele seja forçado ou desenvolva mais traumas ao enfrentar suas dificuldades sensoriais e comportamentais relacionados a alimentação.

Palavras-chave: Autismo; Transtorno autístico; Comportamento alimentar; CID-10; Transtorno do processamento sensorial.

ABSTRACT

Autism is a condition that raises social interaction difficulties, behaviors said to be inadequate in the form of social interaction and unusual eating behaviors that demonstrate relationship with your sensory processing, being possible so to affirm that a great part of the autistic children population also have sensory processing disorder. The sensory processing disorder in turn is defined as a prejudice in the production of responses from stimuli captured by the receivers of the seven senses, being tact, smell, palate, vision, audition, vestibular system and proprioceptive. The aim of the present study was to relate the sensory processing disorder with autistic children feeding behavior but from a nutritional point of view, considering the importance of proper nutrition in the growth and development of all children and the potential problems that could be caused by restricted or inadequate feeding. The literature review carried out from the theoretical reference present in digital databases, being considered national and international studies that deal with the themes related to the theme to be described. It was possible to find, by several authors, strong evidences of the relationship between sensory processing disorder and the autistic children eating behavior, as well as the high prevalence of this disorder in these children. Another fact highlighted in this study was the importance of the commitment and involvement of the family and the nutritionist to the success of the nutritional intervention. It is concluded therefore that an expressive number of children presents these two conditions previously mentioned and that the nutritionist may represent a determinant part in the success of these children's nutritional intervention. Through your knowledge can ensure health and healthy development, along with the other professionals who accompany the autistic throughout his life, without him being forced or develops more traumas when facing his sensorial and behavioral difficulties related to feeding.

Keywords: Autistic; Autistic disorder; Feeding behavior; CID-10; Sensory processing disorder.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. MÉTODOS	13
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	14
3.1 O autismo.....	14
3.2 Autismo e a família.....	15
3.3 Transtorno do processamento sensorial	17
3.4 Comportamento alimentar	18
3.5 Intervenção nutricional individualizada	20
3.6 O papel da família na intervenção nutricional	211
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	24

1.INTRODUÇÃO

O autismo, ou distúrbio do espectro autista, é uma união de desordens que levam a um atraso no desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação. Está entre os transtornos invasivos de desenvolvimento mais conhecidos e possui uma grande variação de sinais clínicos (KLIN, 2006).

Essas alterações levam a importantes dificuldades adaptativas e aparecem antes dos 03 anos de idade, podendo ser percebidas, em alguns casos, já nos primeiros meses de vida. As causas ainda não estão claramente identificadas, porém já se sabe que o autismo é mais comum em crianças do sexo masculino e independente da etnia, origem geográfica ou situação socioeconômica (Cartilha Direitos da Pessoa com Autismo. Defensoria pública do estado de São Paulo, 2011, p. 2).

Além de comportamentos estereotipados os autistas apresentam diversos comportamentos atípicos durante as refeições, tais comportamentos devem ser avaliados e acompanhados pois podem influenciar diretamente na saúde e qualidade de vida de crianças autistas e de seus familiares. A forma como a criança reage ao uso do paladar e sua dificuldade de identificar sabores e cheiros pode determinar seu comportamento e seletividade alimentar (PEREIRA,WAGNER, RIESGO, 2017).

Pessoas com autismo podem ter alguma forma de sensibilidade sensorial. Isto pode ocorrer em um ou em mais dos sete sentidos do processamento sensorial–visão, audição, olfato, tato, paladar, vestibular e proprioperceptivo – podendo ser de intensidade leve ou mais acentuada. Segundo TOMCHEK; DUNN,(2007, *apud* REIS, PEREIRA, ALMEIDA, 2013) é evidente a dificuldade de regular as respostas aos estímulos sensoriais.

Em face ao relatado o presente trabalho visa proporcionar uma nova visão sobre o comportamento alimentar de crianças autistas, dando a devida importância ao processamento sensorial, especialmente sobre o distúrbio do processamento sensorial, o que pode justificar uma série de comportamentos

relevantes, proporcionando assim um referencial teórico para o acompanhamento nutricional individualizado e adequado.

2. MÉTODOS

O presente estudo consiste em uma abordagem descritiva de revisão da literatura, realizado por meio da busca de artigos científicos em plataformas digitais como Scielo (scielo.org), Google acadêmico (scholar.google.com.br), Bireme (pesquisa.bvsalud.org), LILACS (lilacs.bvsalud.org) e PubMed (ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/). Além de consultas na Emenda Constitucional nº 90 e na Cartilha da Pessoa com Autismo, OPAS/OMS Brasil.

A pesquisa foi realizada entre os meses de julho e setembro de 2018. A seleção dos descritores utilizados no processo de revisão foi feita por meio de consulta no Decs (Descritores em ciência da saúde). Os descritores usados foram os seguintes e suas combinações em inglês e português: “autismo”, “transtorno autístico”, “comportamento alimentar”, “CID-10”, “autistic disorder”, “feeding behavior”. As publicações foram pré-selecionadas pelos títulos que abordassem a temática proposta, acompanhada da leitura dos resumos disponíveis. Optou-se por não considerar o ano de publicação como um ponto de corte, visto a importância deste material para o presente estudo.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 O autismo

O autismo era parte de uma condição desconhecida por psiquiatras ou intitulada como psicose até que Kanner (1943) documentou o autismo como uma incapacidade de se relacionar da maneira esperada, e dita como normal, com pessoas e situações, desde os primeiros meses de suas vidas. Para tal foram estudadas 11 crianças cujos comportamentos incluíam não sustentar contato visual, permanecer isolada em ambiente com outras crianças, pobreza em expressões faciais, circular dentre as pessoas sem fazer interação alguma, crises de ansiedade frente as mudanças e produção de ruídos, movimentos repetitivos, dentre outros. Porém o primeiro sintoma alarmante geralmente era o atraso ou não desenvolvimento da fala.

Asperger (1991) por sua vez descreveu em seu estudo quatro crianças que apresentavam dificuldade de relacionamento com o ambiente ao seu redor, e este fato geralmente era compensado pela originalidade com que pensavam e agiam. De acordo com o autor as características de autismo destas crianças surgiam por volta dos dois anos de idade e duravam para toda a vida.

Atualmente Transtorno do espectro autista (TEA) é o termo utilizado para nomear o autismo, a síndrome de Asperger, e o transtorno invasivo do desenvolvimento, sendo assim considerado como o problema de saúde mental com maior impacto no desenvolvimento infantil. Existem diferentes níveis de comprometimento que variam de acordo com o comportamento, interesses, atividades, nível de interação social e de comunicação (American Psychiatric Association, 2002, *apud*, CARVALHO et al., 2013).

Dados da OPAS/OMS BRASIL (2017) indicam que uma em cada cento e sessenta crianças tem transtorno do espectro autista, esta é a prevalência mundial que inclusive demonstra sinais de crescimento ao longo dos últimos cinquenta anos. Este aumento na prevalência pode ser justificado pela maior conscientização sobre o tema e a ampliação nos critérios de diagnóstico. Este valor pode ser ainda mais elevado se considerarmos o fato de que ainda não se conhece a prevalência desta condição em países de baixa e média renda.

Rego (2016) ressalta que o Autismo é um campo de estudos desafiador para toda a equipe multidisciplinar que o acompanha, já que envolve a dimensão biológica, a subjetiva e a cognitiva. Estes profissionais são levados a questionar seus saberes, repensando até onde seus instrumentos prático-teóricos são capazes de chegar. Ao confrontar seus desejos e a necessidade do paciente com o limite de suas certezas teóricas nasce a possibilidade de construir um novo conhecimento, que nada mais é do que o papel da ciência.

Até o presente momento nenhum exame laboratorial é capaz de diagnosticar ou confirmar o autismo, sendo o diagnóstico clínico baseado em sinais, sintomas e em escalas que auxiliam na avaliação da gravidade do quadro (LEONARD et al., 2010).

3.2 Autismo e a família

O nascimento de uma criança é precedido de uma série de mudanças na vida e na rotina das famílias, todo seu equilíbrio emocional, relação dos pais com a comunidade e até mesmo a relação conjugal sofrem mudanças e momentos de instabilidade. Sendo assim, após todo o período de gestação e preparação para receber este novo membro na família ocorre a consciência de ser pai/mãe que reconstrói sua identidade social e reestrutura a família para um novo ciclo de sua vida. Descobrir a deficiência de um filho e adaptar-se a ela pode ser um período de grande instabilidade de emoções e sentimentos, a família sente uma grande necessidade de se reestruturar novamente de uma forma exigente (FELIZARDO, 2009).

De acordo com Buscaglia (1993 *apud* SERRA, 2010) a deficiência não é algo que os pais desejam para seus filhos, e não há dúvidas quanto a isso. O diagnóstico de uma deficiência quase sempre inclui sofrimento, lágrimas, embaraços, confusão e muitos gastos financeiros. Serra (2010) ressalta ainda que em um grupo de conversa que envolva uma grávida é comum o comentário de que não importa o sexo do bebê, mas sim que tenha saúde, o que reforça ainda mais o distanciamento entre a deficiência e os desejos dos pais para o filho que irá nascer.

Em consequência do despreparo emocional por parte de alguns profissionais no momento de informar o diagnóstico, os pais se sentem ainda mais desesperados e angustiados por pensar que nada podem esperar quanto ao desenvolvimento da criança (REGEN; ARDORE; HOFFMANN, 1993).

Merletti (2018, p.148) descreve o depoimento de uma mãe que retrata o sentimento de grande parte das mães de crianças autistas logo após o diagnóstico:

“(...) A partir daí me tornei uma especialista em autismo, passei a pesquisar sozinha tudo sobre TEA na internet. Acho que me esqueci de como o P. era antes de eu saber o diagnóstico de autismo, não conheço mais o P., meu filho, não me lembro mais das coisas que ele fazia antes, das suas brincadeiras, do seu jeitinho, mas conheço muito bem o que é o autismo e as suas características. “

Criar e cuidar de uma criança típica exige demandas específicas advindas de cada fase de seu desenvolvimento, quando trata-se de uma criança autista a demanda de cuidados de seu desenvolvimento, que por sinal ocorre de forma diferente, é somada as exigências da condição de deficiência apresentada pela criança (SILVA et. al, 2018).

Ao comparar o estresse apresentado por pais e mães de crianças autistas separadamente, é possível observar que os eventos estressores divergem entre eles. As mães tendem a se estressar mais com as dificuldades sociais da criança e os pais com os comportamentos inadequados (DAVIS; CARTER, 2008 *apud* ANDRADE; TEODORO, 2012).

De acordo com Gomes (2007, *apud* SILVA; RIBEIRO,2012) pais e mães se sentem incomodados e pressionados pelo meio social, uma vez que a deficiência é encarada com discriminação e preconceito pela sociedade em geral.

Considerando a importância de entender o autismo como uma condição que afeta toda a família, Pietsrzak e Facion (2006) pontuam que a condição da criança autista afeta também o desenvolvimento dos irmãos. Estes desenvolvem maior

independência, entendem e aceitam que o irmão autista precisa de mais atenção dos pais. Estes relatos apontam que o fato de ter um irmão autista estaria desenvolvendo nestas crianças o altruísmo e a empatia, entretanto estes relatos não excluem o fato de que essas crianças sentem a ausência dos pais por causa da demanda de atenção do irmão autista.

3.3 Transtorno do processamento sensorial

A interação dos seres humanos com o mundo a sua volta é mediado por seus órgãos e sentidos, para que essa percepção de mundo ocorra é necessária a captação de um estímulo, seu transporte e transformação deste em uma resposta ao mundo em que vive (GOLDSCHMIDT et al., 2008).

Ao receber estímulos, o sistema nervoso central absorve, processa e organiza respostas adequadas, isso é o processamento sensorial (SHIMIZU; MIRANDA, 2012).

Transtorno do processamento sensorial pode ser definido como a dificuldade de processar e utilizar informações sensoriais para estimular respostas motoras, fisiológicas, afetivas e/ou de atenção, o que interfere diretamente no padrão de comportamento apresentado e em atividades cotidianas. Geralmente está associado a outros transtornos, como o transtorno do espectro autista (MACHADO et al., 2017).

Na literatura existem descrições frequentes de que entre 42% e 96% das crianças com transtorno do espectro autista apresentam transtorno do processamento sensorial (BARANEK, 2002; ROSEANN; SCHAAF et al., 2013, apud SILVA; PEREIRA; REIS, 2016).

No transtorno do espectro autista a dificuldade de integrar as informações do processamento sensorial é complexa, tornando o envolvimento ocupacional destes indivíduos severamente prejudicado. Podem ter origem na disfunção de integração sensorial comportamentos diversos, como busca incessante por movimento corporal, busca visual por objetos que estejam em movimento, recusa a comer certos alimentos, vestir determinadas roupas, andar descalço, dificuldades em atividades simples ou complexas diversas, entre outras dificuldades (ROLEY et al., 2015; AYRES, TICKLE, 1971 *apud* MENDES, COSTA, 2018).

Diversos fatores contribuem para a seletividade alimentar, dentre eles a sensibilidade sensorial, descrita pela primeira vez por Ayres no domínio tátil em algumas crianças com distúrbios comportamentais e de aprendizagem. A sensibilidade tátil foi descrita como uma reação exagerada de aversão a certas experiências táteis que são sentidas como inofensivas para a maioria das pessoas. Diversas situações podem provocar este tipo de sensibilidade exacerbada, como por exemplo um abraço. É possível que a sensibilidade tátil influencie na seletividade alimentar de autistas, como por exemplo na dificuldade frente algumas texturas de alimentos (CERMAK, CURTIN, BANDINI, 2010).

A alta prevalência do transtorno do processamento sensorial em crianças autistas de diferentes idades está descrita em diversos estudos recentes (CERVERA et al., 2017).

O número de crianças com transtorno do processamento sensorial é maior dentre autistas do que em crianças neurotípicas. Crianças com autismo que possuíam sensibilidade sensorial oral atípica ingeriram menos vegetais e apresentaram comportamento de recusar mais alimentos do que as crianças com sensibilidade oral típica. Tais resultados demonstram que incluir estratégias que abordem a sensibilidade oral podem ser usados na abordagem da seletividade alimentar (CHISTOL et al., 2018).

3.4 Comportamento alimentar

Dentre as sensibilidades sensoriais a que mais se destaca no autismo é a do paladar. Expressa por comportamentos alimentares incomuns como preferir sentir a textura dos alimentos com as bochechas, escolher os alimentos por causa de suas cores, ter preferência pela ordem que segue para comer os alimentos, sempre na mesma hora ou até mesmo na presença de determinados objetos (KWEE; SAMPAIO; ATHERINO, 2009).

Os sabores doce, azedo, amargo, salgado e umami, são identificados por receptores químicos na língua chamados de papilas gustativas, estes receptores iniciam o processamento sensorial gustativo. Muitas vezes as dietas restritas de autistas, ou a seletividade alimentar, são consequências da grande sensibilidade das

papilas gustativas destes indivíduos, o que gera um desconforto intenso com alguns sabores e texturas de alimentos (DAWSON; WATLING, 2000).

Suarez et al. (2014, *apud* LÁZARO; PONDÉ, 2017) descreveram e avaliaram as expectativas e experiências relacionadas as refeições vivenciadas e descritas por pais de autistas com seletividade alimentar severa. Os relatos consideravam as refeições como momentos de caos e estresse, as principais frustrações foram a impossibilidade de comer em família, a incapacidade da criança de permanecer sentada a mesa durante a refeição e dificuldades envolvendo a variedade de alimentos aceita pela criança. Este estudo forneceu uma visão qualitativa do comportamento alimentar da criança de acordo com o que os pais consideram desafiador.

Curtin et al. (2015) em seu estudo evidenciou que a seletividade alimentar de crianças autistas reflete não somente no estresse durante as refeições, mas também nos hábitos alimentares de seus familiares.

No que se refere ao estado nutricional de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista Sharp (2013, *apud* GROKOSKI, 2016) afirma que este pode ser alterado pelo consumo alimentar inadequado e fatores relacionados ao comportamento alimentar.

Crianças autistas apresentam preferência pelo mesmo alimento e problemas com a mastigação que podem ocasionar desequilíbrio em seu estado nutricional (DILORD et al., 2014).

Ao tentar descrever sua seletividade alimentar uma portadora de autismo de alto funcionamento relatou sua angústia:

“Alimento enlatado era intolerável devido à sua textura viscosa. Eu não comia tomates há um ano, depois que um tomate cereja havia estourado na minha boca enquanto eu estava comendo. A estimulação sensorial de ter aquele pequeno pedaço de fruta explodir na minha boca foi demais para suportar e eu não ia correr nenhum risco de que isso acontecesse novamente” (LEAL et al., 2015, p.6)

3.5 Intervenção nutricional individualizada

A Emenda Constitucional nº90(2015) assegura que: “Artigo 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Portanto uma alimentação adequada deve ser assegurada por direito, bem como a melhoria e manutenção do estado nutricional de uma população, resultando em um sistema de políticas públicas de diagnóstico, manutenção e intervenção. Cada indivíduo ou grupo de indivíduos possui uma realidade e uma demanda nutricional, portanto é fundamental analisar de forma profunda essas demandas para um fornecimento de nutrientes e energia adequado (DOMENE, 2003, *apud* FARIA et al.,2004).

Fica então evidente a importância da formação de profissionais cuidadosos, que usem a sensibilidade para entender o sofrimento e as frustrações dos portadores de necessidades especiais, empregando sua competência para intervir e orientar adequadamente a população em questão (AMORIM et al., 1999).

No Reino Unido é visto como prioridade estudos sobre intervenção no autismo, e de acordo com pais e pesquisadores as intervenções dietéticas devem ser o foco das pesquisas (CHARMAN,CLARE,2004; MEDICAL RESEARCH COUNCIL, 2001; RUTTER, 2011 *apud* WINBURN et al., 2013).

Crianças com consumo calórico insuficiente podem sofrer de desnutrição, letargia, perda de peso, retardo no crescimento e aspiração (HOWARD, CRONK, 1983; MARTIN,1973; ROGERS et al.,1994; ROSSO E WINICK,1973 *apud* GALE, EIKESETH, RUDRUD, 2010), o que reforça a necessidade de um acompanhamento nutricional a fim de garantir a promoção da saúde e do desenvolvimento de crianças autistas.

3.6 O papel da família na intervenção nutricional

A interação da família com a história da criança proporciona uma adequada assistência à saúde da criança (LEÃO; CALDEIRA; OLIVEIRA, 2011, *apud* MISQUIATTI et al., 2015).

A intervenção nutricional na alimentação de uma criança autista deve envolver todos os familiares e pessoas que com ela convivem, para que assim o paciente receba de forma menos incômoda as mudanças propostas. Além da resistência, devemos considerar que a mudança de hábitos alimentares envolve preferências e os aspectos financeiro e cultural (CARVALHO et al., 2012).

Lázaro e Pondé (2017) afirmam que o comportamento dos pais também afeta diretamente as escolhas alimentares das crianças, principalmente o incentivo a uma alimentação saudável e diversificada. Um fator que deve ser observado é que os pais não costumam oferecer aos filhos alimentos dos quais não gostam, o que faz com que estes não tenham a chance de experimentar estes alimentos e assim sua restrição a quantidade de alimentos se torna ainda mais limitada. Os autores salientam ainda que os profissionais devem orientar os pais sobre seu papel frente o comportamento inapropriado de seu filho autista durante a refeição, seja pelo reforço ou reprovação de determinados comportamentos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autismo pode ser descrito como um transtorno que não causa nenhuma alteração física em seus portadores, mas que motiva diversos sinais clínicos comportamentais. Estes sinais ou sintomas interferem na percepção de crianças autistas acerca do mundo, prejuízo ou incapacidade de interação social. Do ponto de vista familiar a chegada de uma criança autista pode desestabilizar a relação de todos os familiares e sua interação com a sociedade. Outro fator observado é que parte expressiva da população autista apresenta transtorno do processamento sensorial.

Para entender o transtorno do processamento sensorial podemos dizer que quando os sentidos funcionam de forma adequada torna-se possível interagir socialmente. Cada sentido representa uma peça que proporciona o completar de um quebra-cabeça que poderia ser representado como a capacidade de interação social. Em caso de prejuízo em alguma parte do processamento sensorial, seja na captação do estímulo, transporte ou processamento, a resposta emitida será reflexo dessa dificuldade sensorial e as habilidades de comunicação, engajamento e interação com o meio não serão adequadamente desenvolvidas.

O desenvolvimento do presente estudo proporcionou uma análise do material teórico abordando o autismo em crianças, mais especificamente sobre o comportamento alimentar e o transtorno do processamento sensorial. Foi possível notar o quão escasso é o aporte de material teórico sobre o assunto na área de nutrição, o que evidencia a necessidade de novas pesquisas práticas e teóricas que abordem o presente assunto.

Também ficou evidente a importância do papel de uma intervenção nutricional adequada na promoção, manutenção ou recuperação do estado nutricional de crianças autistas, levando em consideração o comportamento alimentar apresentado. No comportamento alimentar estão incluídas a recusa e a seletividade alimentar, o que gera uma situação de risco nutricional, sendo então o nutricionista o profissional mais bem qualificado para uma intervenção nutricional.

Outro fator que deve ser salientado é a participação da família neste processo de acompanhamento e intervenção alimentar, tendo em vista que a família

constitui a base do desenvolvimento da criança autista e a fonte de cuidado, apoio e incentivo mediante as dificuldades apresentadas.

O fato de ser autista, no entanto, não significa que uma criança deve ser tratada como quem vive em outro mundo, mas sim uma pessoa com dificuldade de entender e interagir com o mundo em que vivemos, e que com o acompanhamento e suporte adequado pode adquirir autonomia e seu espaço na sociedade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, S.T.S.P.; MOREIRA, H.; CARRARO, T.E. Amamentação em crianças com Síndrome de Down: A percepção das mães sobre a atuação dos profissionais de saúde. **Revista Nutrição Campinas**, São Paulo, n.12 , v.1, p.91-101, janeiro/abril. 1999.

ANDRADE, Aline Abreu e; TEODORO, Maycoln Leôni Martins. Família e Autismo: Uma Revisão da Literatura. **Contextos Clínicos**, v. 5, n.2, p. 133-142, julho-dezembro 2012.

ASPERGER, H. **'Autisticpsychopathy' in childhood**. In: FRITH, Uta. (Ed.). Autism and Asperger Syndrome. Cambridge: Cambridge University Press, p. 37-92, 1991.

CARVALHO, Felipe Alckmin; PAULA, Cristiane Silveira de; TEIXEIRA, Maria Cristina TrigueroVeloz; ZAQUEU,Lívia da Conceição Costa; D'ANTINO, Maria Eloisa Famá.Rastreamento de sinais precoces de transtorno do espectro do autismo em crianças de creches de um município de São Paulo.São Paulo.**Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v.15,n.2, p.144-154, maio-ago2013.

CARVALHO, Jair Antonio de; SANTOS, Cristiane Santiago Sabeça; CARVALHO, Márcio Pedrote de; SOUZA, Luciana Sant'Ana de. NUTRIÇÃO E AUTISMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ALIMENTAÇÃO DO AUTISTA.**Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.5, n.1, Pub.1, Janeiro 2012.

CERMAK, Sharon A.; CURTIN, Carol; BANDINI Linda G. Food selectivity and sensory sensitivity in children with autism spectrum disorders.**J Am Diet Assoc**. v.110, n.2, p.238-246, Feb 2010.

CERVERA, Pilar Sanz; CEREZUELA, Gemma Pastor; SALA, Francisco Gonzáles; MÍNGUEZ, RaúlTárraga; ANDRÉS, Maria Imaculada Fernández. Sensory Processing in Children with Autism Spectrum Disorder and/or Attention Deficit Hyperactivity Disorder in the Home and Classroom Contexts. **Front Psychol**, v.8:1772, 2017.

CHISTOL, Liem T.; BANDINI, Linda G.; MUST, Aviva; PHILLIPS, Sarah; CERMAK, Sharon A.; CURTIN, Carol. Sensory Sensitivity and Food Selectivity in Children

with Autism Spectrum Disorder. **J Autism Dev Disord**, v.48, n. 2, p.583-591, Feb 2018.

CURTIN, C.; HUBBARD, K.; ANDERSON, S. E.; MICK, A.; BANDINI, L. G. Food selectivity, mealtime behavior problems, spousal stress, and Family food choices in children with and without autism spectrum disorder. **J. Autism Dev Disord**. v.45, n.10, p.3308-3315. October 2015.

DAWSON, G.; WATLING, R. **Interventions to Facilitate Auditory, Visual, and Motor Integration in Autism: A Review of the Evidence**. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 30, n.5, p.415-421, 2000.

DEFENSORIA PÚBLICA DE SÃO PAULO. MOVIMENTO PRÓ AUTISTA. ESCOLA DA DEFENSORIA PÚBLICA DE SÃO PAULO. **Cartilha Direitos das Pessoas com Autismo**. 1ª edição, março 2011. p.2.

DIOLORDI, L.; DEL BALZO V.; BERNABEI P.; VITIELLO V., DONINI L.M. Eating habits and dietary patterns in children with autism. **Eat Weight Disord**. v.19, n.3. p.295-301, 2014.

EMENDA CONSTITUCIONAL Nº90. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/EMC90_15.09.2015/EMC90.asp. Acesso em: 06/09/2018.

FARIAS, Eliane Rodrigues de; MARINHO, Marceley Soares; ABRANCHES, Monise Viana; FONSECA, Leonice Antunes; PRIORE, Silvia Eloiza. **Evolução e Impacto da Intervenção Nutricional em Portadores de Necessidades Especiais Assistidos pela APAE de Viçosa, MG**. 2º Congresso brasileiro de extensão universitária. Belo Horizonte. Universidade Federal de Viçosa – UFV. 12 a 15 de setembro de 2004.

FELIZARDO, Sara Maria Alexandre e Silva. **O impacto do suporte social em famílias de crianças com deficiência**. *International Journal of Developmental and Education Psychology*, v.3, n.1, p.269, 2009.

OPAS/OMS BRASIL. **FOLHA INFORMATIVA-TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5651:fol

[ha-informativa-transtornos-do-espectro-autista&Itemid=839>](#) Acesso em: 30/08/2018.

GALE, Catherine M.; EIKESETH, Svein; RUDRUD, Eric. Functional Assessment and Behavioural Intervention for Eating Difficulties in Children with Autism: A study Conducted in the Natural Environment Using Parents and ABA Tutors as Therapists! **Springer Science+Business Media**, LLC 2010.

GOLDSCHIMDT, Andrea Inês; MACHADO, Dilma Terezinha de Moraes; STAEVIE, Eliana Madalena Souza; MACHADO, Ana Luiza Grohe; FLORES, Marluce Ferreira. **A importância do lúdico e dos sentidos sensoriais humanos na aprendizagem do meio ambiente**. Seminário internacional de educação, 2008.

GROKOSKI, Kamila Castro. **Composição corporal e avaliação do consumo e do comportamento alimentar em pacientes do transtorno do espectro**. Porto Alegre, Brasil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de medicina programa de pós-graduação em saúde da criança e do adolescente. 2016,p.20.

KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child, Baltimore**, v. 2, p. 217-250, 1943.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Rev. Bras. Psiquiatr.-ABP**. vol.28 .São Paulo, maio 2006. p.3-11.

KWEE, Caroline Sianlian; SAMPAIO, Tânia Maria Marinho; ATHERINO, Ciríaco Cristóvão Tavares. Autismo: uma avaliação transdisciplinar baseada no programa TEACCH. **Rev CEFAC**, v.11, n.2, p.217-226, 2009.

LEAL, Mariana; NAGATA, Mirian; CUNHA, Natalia de Moraes; PAVANELLO, Uyara; FERREIRA, Natércia Vieira Ribeiro. TERAPIA NUTRICIONAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. **Cad. da Esc. de Saúde**, Curitiba, v.1 n.13, p. 1-13. p.6, 2015.

LEONARD,H.; DIXON, G.; WHITEHOUSE,A.J.O.; AIBERTI,K.;NASSAR,N.;BOWER,C.;GLASSON,E.J.; Unpacking the complex nature

of the autism epidemic. **Research in Autism Spectrum Disorders, Amsterdam**, v.4, p.548-554, 2010.

MACHADO, Ana Carolina Cabral de Paula; OLIVEIRA, Suelen Rosa de; MAGALHÃES, Livia de Castro; MIRANDA, Débora de Castro. Processamento sensorial no período da infância em crianças nascidas pré-termo: revisão sistemática. **Rev Paul Pediatr**. v.35, n., p.92-101, 2017.

MENDES, Jaqueline Izabela; COSTA, Juliane Rissardi; INTEGRAÇÃO SENSORIAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. **Cad. da Esc. de Saúde**, Curitiba, v.17 n.2, p.1-3, 2018.

MERLETTI, Cristina. Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais. São Paulo. **Psicol. USP**, v.29, n.1, 2018.

MISQUIATTI, Andréa Regina Nunes; BRITO, Maria Claudia; FERREIRA, Fernanda Terezinha Schmidt; JÚNIOR, Francisco Baptista Assumpção. Sobrecarga familiar e crianças com transtorno do espectro do autismo: perspectiva dos cuidadores. **Rev. CEFAC**. v.17, n.1, p. 192-200. Jan-Fev 2015

LÁZARO, Cristiane P.; PONDÉ, Milena P.; Narrativa de mães de crianças com transtorno do espectro do autismo: foco no comportamento alimentar. **Trends Psychiatry Psychother**. vol.39, n.3, p.180-187, 2017.

PEREIRA, Alessandra Marques; WAGNER, Mario Bernardes; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Autismo infantil : tradução e validação da CARS (childhoodautismratingsacale) para uso no Brasil**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, 2017.

PIETSRZAK, Silvana Paula; FACION, José Raimundo. Pessoas com autismo e seus irmãos. **Revista Intersaberes**. Ano 1 n. 1, p. 167 – 184, jan-jun 2006.

REIS, Helena Izabel Silva, PEREIRA, Ana Paula da Silva, ALMEIDA, Leandro da Silva. Construção e validação de um instrumento de avaliação do perfil desenvolvimental de crianças com perturbação do espectro do autismo. **Revista Brasileira Educação Especial**, v.19, n.º.2, p. 183-194, 2013.

REGEN, M.; ARDORE, M.; HOFFMANN, V. M. B. **Mães e filhos especiais: relato de experiência com grupos de mães de crianças com deficiência.** Brasília : MBES/ CORDE, 1993. p.137.

REGO, Fabiana Lins Browne. **INVESTIGANDO A ECOLALIA NO AUTISMO: Há Possibilidade de Um Novo Olhar?** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

SERRA, Dayse. AUTISMO, FAMÍLIA E INCLUSÃO. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **Polêmica**, v. 9, n. 1, p. 40 – 56, janeiro/março 2010.

SHIMIZU, Vitoria Tiemi; MIRANDA, Mônica Carolina. Processamento sensorial na criança com TDAH: uma revisão da literatura. **Rev. Psicopedagogia**. v. 29.n.89,p. 256-268,2012.

SILVA, Silvio Eder Dias da; SANTOS, Arielle Lima dos; SOUSA, Yasmim Martins de; CUNHA, Natacha Mariana Farias da; COSTA, Joel Lobato; ARAÚJO, Jeferson Santos. A família, o cuidar e o desenvolvimento da criança autista. **J. Health BiolSci**. v.6,n.3,2018, p 334-341.

SILVA, Eliene Batista Alves da; RIBEIRO, Maysa Ferreira M.; Aprendendo a ser mãe de uma criança autista. **EVS-Estudos, Vida e saúde**. Goiânia, v. 39, n. 4, p. 579-589, jul.2013. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/2670>. Acesso em: 09 set.2018.

SILVA, Elizabeth Rodrigues; PEREIRA, Ana Paula Silva; REIS, Helena Isabel Silva. Processamento Sensorial: Nova Dimensão na Avaliação das Crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.3, n.1, p. 62-76, Jan-Jun 2016.

WINBURN, Elizabeth; CHARLTON, Jenna; McCONACHIE, Helen; McColl, Elaine; PARR, Jeremy; O'HARE, Anne; BAIRD, Gillian; GRINGRAS, Paul; WILSON, David C.; ADAMSON, Ashley; ADAMS, Sandra; COUTEUR, Ann Le. **Parents' and Child Health Professionals' Attitudes Towards Dietary Interventions for Children with Autism Spectrum Disorders.** Springer Science+Business Media, New York , 2013. p. 748.